

Em Brasília, só assentamento rende voto

Mesmo candidatos contrários ao programa do governador Joaquim Roriz, se dizem favoráveis, porque 700 mil dos 1,7 milhão de habitantes do DF vivem em lotes doados pelo governo

MARA BERGAMASCHI

BRASÍLIA — Qual é a primeira coisa que um candidato a governador deve dizer para se eleger? No Distrito Federal, tem de anunciar no rádio, na TV e nos palanques que é a favor da distribuição de terrenos para a população de baixa renda. O motivo: vivem hoje em 29 assentamentos, criados há menos de cinco anos, cerca de 700 mil dos 1,7 milhão de habitantes do DF, segundo estimativas oficiais.

Desde que iniciou, em 1989, a partilha dos arredores do Plano Piloto, o governador Joaquim Roriz (PP) viu sua popularidade chegar às alturas. Venceu com facilidade a primeira eleição direta ao governo do DF, em 90, substituindo a si mesmo — foi o último governador nomeado —, e nesta eleição vem assegurando o primeiro lu-

gar folgado para seu candidato, o senador Valmir Campelo (PTB-DF).

A rápida ascensão obrigou os adversários a dar atenção aos assentamentos. O tema domina a campanha e assusta tanto a oposição que, na quinta-feira, todos os desafetos de Roriz aprovaram na Câmara Legislativa projeto do governo para garantir a posse definitiva de 120 mil lotes em 10 anos. Na semana passada, a oposição, sobretudo o PT, fora contra a primeira versão do texto. "O PT votou contra porque não gosta de pobre", disse Campelo.

Empatados em segundo lugar na disputa, PT e PSDB são obrigados a apoiar os assentamentos, apesar da

discordância, para não perder votos. "Com essa política louca, Roriz garantiu um curral eleitoral eterno, já que o lote vem sem água, esgoto, asfalto, escola e hospital, que vão sendo dados depois, em migalhas", afirma o deputado Sigmaringa Seixas, candidato tucano ao Senado.

"Com a doação dos terrenos, o governo atraiu milhares de pessoas para o DF que estão hoje desempregadas", diz a deputada Maria Laura (PT-DF), que tenta a reeleição. Já os principais adversários de Campelo, o professor Cristóvam Buarque (PT) e a deputada distrital Maria de Lourdes Abadia (PSDB), não

condenam os assentamentos e prometem fazer as obras de infra-estrutura "que Roriz não fez".

O governo e seu candidato rebatem as críticas. "Se não existissem os assentamentos, as 62 invasões e favelas antes instaladas no

Plano Piloto já teriam se transformado em uma Rocinha", diz Campelo. E o governo Roriz informa ter investido nos últimos anos US\$ 350 milhões para urbanizar as moradias da população de baixa renda.

O visível é que, 34 anos depois de inaugurado, o DF se parece cada vez mais com outras capitais brasileiras. O novo governador terá de administrar, além de Brasília, o seu gigantesco cinturão de miséria e o mais alto índice de desemprego relativo do País: cerca de 120 mil desempregados numa região sem indústrias de grande ou médio porte. Depois dos lotes, o desemprego é o alvo predileto dos candidatos.

TEMA DOMINA
CAMPANHA E
ASSUSTA
OPOSIÇÃO